

Sem-abrigo: métodos de produção de narrativas biográficas

SUSANA PEREIRA DA SILVA

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

susana.psilva@gmail.com

RESUMO:

O texto dá conta de uma investigação, ainda em pleno curso, centrada nas dinâmicas de socialização de pessoas adultas que vivem ou viveram na rua. Na sua globalidade, ela irá estruturar-se em três grandes níveis: i) um *macro* destinado a analisar as políticas sociais de combate à pobreza introduzidas nos últimos vinte e cinco anos; ii) um *meso* que caracterizará as organizações que trabalham com esta população; iii) e um *micro* que incide sobre dois grupos de pessoas que vivem ou viveram em situação de sem-abrigo. Para a consecução deste último nível estou a realizar entrevistas de carácter biográfico que visam identificar as razões que conduziram as pessoas à situação de sem-abrigo. No presente texto — ainda de pendor metodológico e clarificador da arquitectura teórica da investigação — reflecto acerca das práticas e dos processos a considerar na recolha de material biográfico: as questões éticas relacionadas com o acesso ao terreno, as decisões relativas à selecção e aos encontros com os entrevistados, as dinâmicas na interacção entrevistado-entrevistador, além de, como é evidente, discutir o papel do último na co-produção da narrativa biográfica.

PALAVRAS-CHAVE:

Entrevista biográfica, Histórias de vida, Narrativa biográfica, Sem-abrigo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo decorre do trabalho desenvolvido no âmbito do doutoramento em Ciências da Educação, na área de especialização em Formação de Adultos. A investigação incide sobre os processos de socialização e aprendizagem de pessoas adultas que vivem ou viveram na rua (“sem-abrigo”)¹ e estrutura-se em três eixos orientadores de pesquisa: i) um nível macro, de índole documental, em que se procura analisar as políticas sociais de combate à pobreza implementadas em Portugal a partir dos anos 90 e as directrizes emanadas pela Comunidade Europeia; ii) um nível meso em que se pretende realizar o levantamento e caracterização das organizações que trabalham com as pessoas sem-abrigo na zona de Lisboa; iii) um nível micro que incide sobre dois grupos de pessoas que vivem ou viveram em situação de sem-abrigo. Este último nível de análise desenvolve-se a partir da realização de entrevistas de carácter biográfico que visam identificar as razões que conduziram as pessoas à situação de sem-abrigo, o que as levou a manter ou a alterar essa condição e as lógicas subjacentes às decisões de viver na rua, sair ou manter-se nela.

Neste texto procura-se reflectir sobre a articulação dos aspectos teóricos e práticos a considerar na recolha de material biográfico: questões éticas relacionadas com o acesso ao terreno e aos entrevistados; decisões relativas à selecção dos sujeitos; formulação do pedido de concessão da entrevista; aspectos práticos relacionados com a marcação da

data e do local onde se realizará o encontro; as dinâmicas que constituem a entrevista propriamente dita; e o papel do entrevistador na produção da narrativa biográfica.

CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Uma investigação não é independente da pessoa que a desenvolve e dos referenciais que possui, é um processo pessoal de construção de um objecto de estudo e desconstrução de ideias pré-concebidas, de formas simplistas de ver o mundo e de perspectivar a realidade envolvente. A escolha do tema deve-se ao trabalho de voluntariado que realizo, em Lisboa, desde 2004 numa Equipa da Noite de uma Instituição Particular de Solidariedade Social que se dedica à distribuição de alimentos e apoio às pessoas sem-abrigo. Esta actividade permitiu-me conhecer de perto algumas pessoas que vivem na rua ou em alojamentos precários ou deteriorados. O contacto com esta realidade é muito intenso, quer pelos sentimentos despertados — dor, compaixão, impotência — quer pela necessidade de procurar compreender este fenómeno que afecta simultaneamente indivíduos e grupos, que é individual, social e global.

Se todo o conhecimento é sempre autoconhecimento, como propõe Boaventura Sousa Santos (2003), a investigação que está sendo desenvolvida parte do desejo de conhecer e de compreender esta realidade. O objecto de estudo foi sendo construído

tendo por base um conhecimento pessoal e directo duma realidade complexa, um fenómeno conhecido por sem-abrigo que se cruza com realidades múltiplas: pessoas a viverem nas ruas de Lisboa; instituições que se dedicam a auxiliá-las; organizações que pretendem “reinseri-las na sociedade”; pessoas reinseridas; e um sujeito que percepção essa realidade, a interroga e se questiona. Paralelamente ao processo de construção do projecto de investigação, houve uma grande implicação pessoal na realidade de algumas pessoas que vivem na rua, através de conversas mais longas e encontros mais frequentes que permitiram a criação de relações de afecto. Ignorar a influência das várias interacções com estas pessoas seria esquecer a totalidade da “pessoa-investigadora”, o principal instrumento de observação e de recolha de dados numa investigação que se pretende qualitativa.

ÉTICA DO ACESSO AO TERRENO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA RECOLHA BIOGRÁFICA

O trabalho de voluntariado iniciou-se em Agosto de 2004 e, desde Novembro do mesmo ano, acumulei os papéis de voluntária com o de investigadora. O relacionamento dialéctico entre estas duas actividades suscitou hesitações quanto à natureza deste papel duplo de espia e confidente, de interessada e interessada, fazendo-me sentir por vezes desmerecedora da confiança depositada em mim. As questões éticas, suscitadas pela duplicidade dos papéis, foram ultrapassadas, em parte, pelo pedido de autorização verbal dirigido à presidente da organização onde sou voluntária. Mas a questão ética não se limita à autorização da instituição para aceder ao terreno: como explicar o meu papel duplo às pessoas com quem me relaciono quinzenalmente, que alimentam o meu conhecimento e o meu diário de campo? Devem ser informadas para que saibam que me relaciono com elas com o duplo interesse? Até que ponto esse conhecimento irá condicionar o desenvolvimento das nossas relações? Como ultrapassar esta questão?

Para Hughs (1996), o sociólogo é membro e estrangeiro, membro porque participa e estrangeiro porque observa, descreve e relata. Para ultrapassar a duplicidade de papéis é necessário o investigador efectuar a separação e a parcialização temporal, ou seja deve

ser participante em privado e observador em público ou participante em público e observador em privado. O equilíbrio entre os papéis de participante e observador está no cerne das ciências sociais :

“... *il faut être proche de ceux qui vivent leur vie, mais il faut aussi vivre sa vie et en même temps relater ce que l'on a observé. Le problème qui consiste à maintenir un bon équilibre entre ces rôles est au cœur même de la sociologie et, de fait, de toute science sociale. (...) l'observateur se trouve pris, à un degré ou un autre, dans le réseau de l'interaction sociale qu'il étudie, qu'il analyse, et dont il rend compte*” (pp. 276 e 278).

Os vários papéis desempenhados na observação participativa documentados e sistematizados em Burgess (1991) podem ser tipificados em duas vertentes: um relativo à participação; e outro ao anonimato do observador (Schwartz e Schwartz, citados em Burgess, 1991). Gold, citado em Burgess, defende a existência de um *continuum* entre o papel de observador passivo, num dos extremos de um eixo e o de participante activo no outro extremo. Entre estas posições extremas, Gold identifica os papéis de participante-como-observador e o de observador-como-participante.

A duplicidade de papéis forçou-me a criar um distanciamento entre a voluntária e a investigadora, pertencendo a voluntária ao mundo observado, e a observadora ao mundo da investigação. Nos contactos com o mundo das pessoas sem-abrigo, o papel de voluntária é o papel principal que desempenho, e as minhas acções, enquanto tal, são também alvo de observação por parte da investigadora.

Para além da questão do papel de “agente-duplo”, há uma segunda dificuldade de natureza ética também referida por Burgess (1991):

“... *even if participant observers can overcome role problems that confront them in the field, there are still unanswered questions about the ethics of reporting and publishing data that were gathered covertly*” (p. 44).

Desde a primeira vez em que saí com a Equipa da Noite, senti necessidade de escrever um diário, inicialmente com a função de espaço e tempo de

verbalização de sentimentos e emoções suscitados pelo contacto com a realidade das pessoas sem-abrigo. Os registos foram-se alterando e, actualmente, utilizo-o como diário de campo. Os dois anos de anotações permitem análises interessantes sob várias dimensões: uma pessoal relativa ao meu próprio percurso enquanto voluntária, do modo como superei o contacto com o sofrimento alheio, como sobrevivi ao que considerarei serem tentativas de manipulação de algumas pessoas, ou como julgo ter ultrapassado questões relativas ao “internamento” de pessoas sem-abrigo e o relacionamento, por vezes ambíguo e complexo, entre a equipa técnica, as equipas de voluntários e as pessoas sem-abrigo; outra dimensão interessante deriva das notas que vou tomando sobre algumas pessoas, como nos vamos relacionando, como se criaram os laços afectivos, ou como se resolveram conflitos, o diário contém inúmeras pequenas histórias das várias pessoas com quem me vou cruzando e se cruzam também com a minha própria história; outra dimensão refere aspectos relacionados com a organização e o funcionamento da instituição onde sou voluntária e do meu papel enquanto coordenadora da Equipa da Noite; por último há uma outra dimensão que relata as relações com outras instituições que trabalham na área social, como são vistas pelas pessoas sem-abrigo, como se relacionam com a instituição onde trabalham, e foca também questões relacionadas com as pressões sociais sobre as pessoas sem-abrigo e com a “luta” pelo poder sobre o espaço público — a rua. Esta última dimensão não foi visível durante o primeiro ano e meio de contacto com esta realidade, mas actualmente tem sido uma constante no quotidiano das pessoas sem-abrigo, quer pela interdição de ocupação de espaços onde inicialmente não havia impedimentos, quer pela pressão exercida por algumas instituições para o encaminhamento para os albergues e o aparecimento de algumas tensões sobre a utilização de espaços comuns pelas pessoas “com-abrigo” e pelas pessoas “sem-abrigo”. De quem é a rua, os jardins, as paragens de autocarro?

CRITÉRIOS PARA SELECÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A investigação que está a ser efectuada tem uma dimensão forte de trabalho de campo e, uma outra,

relativa à recolha de informação biográfica de algumas pessoas que vivem ou viveram na rua. A equipa onde sou voluntária contacta, em média, 140 pessoas por noite, o número de sacos com refeições que transportamos. Há alguma mobilidade das pessoas sem-abrigo e, nestes dois anos de proximidade, vão aparecendo novas pessoas, outras mudam de local de pernoita ou de trabalho, ou mudam de vida, voltando para a casa de familiares ou amigos, ou aderindo a programas de “reinserção”. Cada uma destas pessoas tem a sua história pessoal, com interesses específicos, formas de sobrevivência distintas, relacionamentos díspares, motivações para ficar ou sair da rua diferentes.

Frequentemente fala-se das pessoas sem-abrigo como se fosse um grupo homogéneo com características comuns, mas o que tenho observado contraria esta ideia. Para mim, o que estas pessoas têm em comum, tirando a sua humanidade, é o facto de se deslocarem regularmente à carrinha para receber um saco com alimentos. Algumas pessoas dormem na rua, outras têm casa e vivem com dificuldades, outras, ainda, querem apenas conversar e outras aguardam ansiosamente pelo saco pois este é o único alimento que comem durante o dia. Algumas instituições que trabalham para as pessoas sem-abrigo sentem necessidade de as categorizar em função dos “problemas” que parecem apresentar: alcoolismo; perturbações psiquiátricas; toxicod dependência — por considerarem ser este o modo mais simples de criar respostas e soluções para estas pessoas. Deste universo de 140 pessoas tive de estabelecer critérios para seleccionar os entrevistados e novas questões éticas surgiram também. O primeiro critério a definir tratou-se da construção operatória do conceito “sem-abrigo”.

O conceito de sem-abrigo é ambíguo e a sua definição não é oficial em Portugal e em diversos países da Europa. A Federação Europeia de Associações que Trabalham com os Sem-abrigo (FEANTSA) propôs, em 2005, uma categorização das várias formas de exclusão relativas à habitação, e sem-abrigo² é uma das quatro categorias conceptuais estabelecidas pela ETHOS — Tipologia Europeia sobre Sem-abrigo e Exclusão Habitacional. A expressão sem-abrigo é também utilizada para descrever pessoas que, para além de viverem em condições de habitação imprópria, se encontram em situação defici-

tária a vários níveis: na sua vida privada (afectiva, saúde); profissional (sem emprego); e/ou financeira (Baptista, 2004; Bento, 2004; Bento & Barreto, 2002; Pereira *et al.*, 2001). O fenómeno sem-abrigo é geralmente associado à pobreza, considerando-se como o escalão mais baixo da pobreza, e da “exclusão social” (Costa, 1998). Desde os anos 80 tem-se intensificado a investigação nesta área, inicialmente nos Estados Unidos da América e posteriormente na Europa. Em Portugal, os primeiros estudos efectuados, datam dos finais dos anos 80.

No âmbito desta investigação, adoptei a tipologia ETHOS³ por se tratar de um trabalho desenvolvido no âmbito da FEANTSA e pela clareza das categorias conceptuais e operacionais. Assim, os sujeitos seleccionados para a entrevista estão ou estiverem incluídos numa das categorias conceptuais constantes na ETHOS 2006: sem tecto; sem casa; habitação insegura; habitação inadequada. Em relação ao tempo em que uma pessoa é considerada sem-abrigo, devem ser atendidos alguns aspectos, nomeadamente, há quanto tempo vive numa habitação imprópria, ou onde está a viver na altura da investigação. Há autores que consideram a pessoa sem-abrigo se no dia anterior ao da investigação passou a noite na rua, num abrigo ou num local impróprio para habitar, outros se durante um determinado período de tempo, semana, mês, ou ano, pernitoou em locais não adequados. Adoptei o critério temporal sugerido por Marpsat (2003), sendo os entrevistados pessoas que viveram numa situação definida na tipologia ETHOS por um período superior a 30 dias.

Um outro critério estabelecido para seleccionar os entrevistados foi o da escolha de um idioma inteligível comum. As entrevistas seriam realizadas por mim e seriam gravadas para análise posterior e o entendimento mútuo e a necessidade de comunicarmos com facilidade e clareza, sem o recurso a um intermediário, pareceu-me fundamental.

Para além dos dois critérios acima referidos, viver ou ter vivido sem-abrigo e comunicação inteligível, optei por entrevistar, numa primeira fase, pessoas com quem mantinha uma relação de proximidade, que poderiam estar disponíveis para aceitar a entrevista e pudessem, de certa forma, ilustrar a diversidade de situações que conduzem as pessoas a procurar abrigo na rua. Nesta primeira fase ex-

ploratória da investigação foram entrevistados três homens: um que vive na rua há vários anos; outro que viveu 20 anos sem-abrigo e tem uma vida pessoal e profissional estável há mais de dois anos; e um terceiro que saiu da rua há cerca de um ano e se encontra em fase de “reinserção” numa das residências geridas pela organização onde sou voluntária. As estratégias utilizadas para solicitar a entrevista foram distintas nos três casos apesar de todos os sujeitos serem pessoas com quem tenho relações próximas.

A primeira pessoa a ser contactada foi Sérgio, um homem conversador e amável, de 53 anos que vive na rua há vários anos e arruma carros numa praça junto de uma igreja. Evitei falar com Sérgio enquanto voluntária, optando por o procurar no local de trabalho. Expliquei-lhe que estava a estudar, andava à procura de pessoas que viviam na rua para entrevistá-las e que gostaria de o entrevistar. Disse que sim, sem grande convicção, afirmando que não se importava de me ajudar e marcámos a entrevista para o Domingo seguinte, à noite, no local onde dorme. Na data marcada fui à praça, levava o gravador, o guião da entrevista e um pacote de bolachas de chocolate para lhe oferecer. Pedi desculpa mas nesse dia não podia ser pois tinham-lhe pedido para ficar a vigiar um carro e ele não podia dizer que não, adiámos a entrevista para a quarta-feira seguinte. Voltei para casa um pouco desanimada, provavelmente ele sentia receio de ser entrevistado. No dia marcado cheguei à praça e não o vi. Não fiquei muito surpreendida, já tinha pensado que poderia não estar. Comecei a pensar noutras alternativas para o substituir. Voltei a casa e estava já sentada ao computador para trabalhar quando me telefonaram de um número desconhecido. Era Sérgio a pedir desculpa pelo atraso mas tinha tido um compromisso. Perguntou se eu queria fazer a entrevista ainda nessa noite e que a Joana, uma amiga, iria estar connosco. Disse-lhe que estaria na praça dali a um quarto de hora.

Quando cheguei à praça vi os pertences de Sérgio montados na entrada do Banco, reparei que tinha a viola, ao lado do saco-cama e de várias coisas. Estava um jipe parado junto ao Banco. Esperei um pouco e a jovem que estava dentro saiu, devia ser a Joana. Apresentámo-nos, comentei a viola e trocámos algumas impressões sobre Sérgio e como se tinham

conhecido. Sérgio apareceu, cumprimentámo-nos e sentámo-nos. Pensava que eu era jornalista ou estava a estudar jornalismo e tinha pedido à Joana a opinião sobre a entrevista. Pediram-me se lhes dava a cassette com a entrevista e disse-lhes que sim, podia dar a cassette ou o texto da transcrição, a Joana preferia a cassette. Sérgio explicou que a Joana sabia muitas coisas da vida dele, mas ele gostaria que ela ficasse a saber mais. Ela não podia ficar a assistir à entrevista pois é voluntária numa corporação de bombeiros e estava de serviço naquela noite. Expliquei-lhe que estava a estudar, o quê e onde e Sérgio ficou satisfeito por ser Ciências da Educação e se tratar da Universidade de Lisboa. Expliquei sumariamente qual era a questão de pesquisa, queria saber porque há pessoas que vivem na rua e outras viveram e saem da rua. Sérgio falou muito antes de iniciarmos a entrevista, explicou que o tinham acordado na noite de segunda-feira e que depois de acordar não conseguia adormecer. Mostrou-me o telemóvel que lhe tinham oferecido, lembrei-me que tinha um cartão da TMN que nunca tinha utilizado e ofereci-lhe. Sérgio faz questão de mostrar que não é “um coitadinho”, até me parece que não gosta nada que o tratem como tal.

Comecei a entrevista, disse-lhe que ia fazer uma pergunta e ele respondia como quisesse, mas que o iria deixar falar à vontade dele. Ele estava sentado no cartão e enfiado no saco-cama, eu estava sentada na ponta do cobertor e a Joana ficou encostada à parede, de cócoras, até se ir embora. Ficou uns minutos no início da gravação.

A entrevista correu bem, ele “abriu o saco” e deixou sair muita coisa: as dificuldades da vida de criança; o primeiro emprego com 10 anos de idade; a raiva da mãe contra ele; a apetência para aprender; a experiência de guerra; a vida com a mulher e a filha. Falei pouco e quando a história terminou, Sérgio disse-me que estava a sentir frio e tínhamos de parar. Desliguei o gravador, conversámos mais um pouco. Sentia-me uma intrusa ou abusadora — ele tinha-me confiado pedaços da vida e dos sentimentos sem me pedir nada em troca. Agradei-lhe a confiança que tinha depositado em mim e fui embora silenciosa. Ficaram muitas perguntas por fazer, as que se referiam à organização da vida dele na rua. Mais tarde teria de resolver a questão, fazer uma nova entrevista mais centrada nos aspectos da

vida na rua, ou aprofundar mais dados sobre a sua história. Continuo a ver Sérgio regularmente, uma das cassetes não estava em boas condições e quando terminei a transcrição da entrevista imprimi o texto e dei-lhe para que pudesse usá-lo como quisesse, soube que o ofereceu à Joana. Algum tempo depois falámos sobre a entrevista, pediu-me para o entrevistar novamente porque tinha sido muito importante para ele e gostaria de conversar comigo sobre a vida mais recente, ou seja, o período na rua.

O segundo entrevistado, Tomás, tem cerca de 40 anos e actualmente trabalha na organização onde sou voluntária. Sabia que tinha vivido vários anos na rua e pedi ajuda a uma pessoa que o conhece bem para o sondar e saber se estaria disposto a ser entrevistado, explicando-lhe o meu interesse no assunto. A entrevista foi marcada várias vezes e adiada. Num sábado à noite conseguimos encontrar-nos no local onde Tomás trabalha e vive. Atrasou-se e iniciámos a entrevista tarde, quando terminei, cerca de uma hora e meia depois, apercebi-me que já passava da uma da manhã. A entrevista foi diferente do que estava à espera, aliás a de Sérgio também tinha sido uma surpresa.

O terceiro entrevistado, Jorge, tem 45 anos e foi a primeira pessoa que quis sair da rua com a minha ajuda. Já lhe tinha falado várias vezes se, caso fosse necessário, o poderia entrevistar. Teria muito gosto em me ajudar. A primeira entrevista realizou-se num sábado, numa das visitas de Jorge a Lisboa. Encontrámo-nos de manhã cedo e levei-o para a Faculdade, tomámos um café e subimos para uma das pequenas salas do sótão. Foi uma entrevista longa, cerca de três horas e tivemos oportunidade para aprofundar factos, sentimentos e emoções. Quinze dias mais tarde realizei uma segunda entrevista sobre os três anos que viveu na rua. Esta segunda conversa foi realizada num jardim público, sentados num banco.

Os três entrevistados acederam a conversar comigo, permitiram-me gravar as suas histórias e a todos prometi o texto transcrito. Tenho mantido contactos regulares com todos eles e é curioso referir que os três gostaram muito da entrevista, sentem que me ajudaram e que foi uma experiência interessante e gratificante para eles e para mim.

Sobreviver na rua, num espaço público, implica uma grande capacidade de adaptação a novas situações práticas e sociais. As crianças educadas nas sociedades ditas desenvolvidas não aprendem a viver na rua. Do mesmo modo, os espaços urbanos não foram concebidos e construídos para alojar pessoas. Quem utiliza a rua como espaço para viver tem de passar por um processo de aprendizagem. Assim, importa compreender quais os processos subjacentes à socialização e às aprendizagens dos adultos. Estes conceitos são atravessados pelo “*ciclo vital*” (Canário, 1998) dos indivíduos, estando intimamente ligados à própria biografia. Charlot (1997) ilustra bem a relação entre a existência humana e os processos de aprendizagem. De acordo com o autor o homem nasce inacabado e o processo de hominização obriga-o a aprender:

“*Aprender para se construir, num triplo processo de hominização (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, na qual se partilha os valores e se ocupa um lugar). (...) Nascer, aprender, é entrar num conjunto de relações e de processos que constituem um sistema de sentido — onde se diz quem sou eu, o que é o mundo, quem são os outros*” (p. 60).

O que significa sermos os autores da nossa vida? Até que ponto o nosso percurso é escolhido, imposto, negociado, adiado ou negligenciado? Sendo a vida de cada indivíduo uma das matérias-primas para a sua auto-construção, a noção de percurso biográfico é abordada tendo por base os trabalhos desenvolvidos pelos investigadores que se têm dedicado às Histórias de Vida enquanto processo de formação. Estes estudos visam alcançar, essencialmente, dois grandes objectivos: formar formadores; e investigar sobre os processos de formação, ou seja, responder à pergunta — como se formam os adultos? As histórias de vida têm sido utilizadas nesta dupla dimensão, como instrumento de formação e como metodologia de investigação. Os mais de vinte anos de pesquisa e a existência da “segunda geração” de investigadores que têm utilizado as histórias de vida e as biografias educativas, nestas duas ver-

tentes, permitiram a compilação e disseminação de conhecimentos sobre os processos de formação dos adultos, tendo por base as suas vidas. Esse corpo de conhecimentos é de grande riqueza, pois através da análise das histórias de vida e da singularidade de cada percurso de formação é possível identificar algumas regularidades, por exemplo: momentos importantes; situar os ambientes sociais; as pessoas influentes. Dominicé (1996) afirma que “*a biografia educativa é sempre uma interpretação da vida adulta*” (p. 75) e acredito que esta área de investigação nos pode fornecer pistas pertinentes para compreendermos o modo como os adultos interpretam os seus percursos biográficos.

Com base no longo trabalho sobre as Histórias de Vida e encarando a formação do ponto de vista do aprendente, Josso (1989) aponta algumas pistas de reflexão e compreensão do lugar ocupado pelas experiências na formação e transformação da identidade e da subjectividade individual. Segundo a autora os desafios da dialéctica entre indivíduo e colectivo são formadores na medida em que as actividades, as situações, as interacções o forçam a reconsiderar ou a reconstruir ideias, soluções e comportamentos. Esta tensão entre o indivíduo e o colectivo confere uma “*capacidade imitativa de modelos culturais e uma capacidade de orientação aberta ao desconhecido*” (p. 166). As experiências formativas tanto são as que alimentam a autoconfiança como as que alimentam as dúvidas, os erros e o questionamento. Segundo a autora e, de acordo com a sua experiência, é difícil estabelecer uma correlação entre as circunstâncias e os tipos de aprendizagem.

A tese de doutoramento de Christine Josso (1991)⁴ foi construída com base na sua biografia educativa. A partir da análise da sua própria narrativa e de mais de 80 biografias educativas, foi possível criar categorias que constituem os processos de formação. Uma primeira categoria — “*Momentos Charneira*” — corresponde às escolhas e rupturas feitas livremente, considerados como “*saltos perigosos e dolorosos*”. Estes momentos constituem verdadeiras “*aprendizagens de rupturas: ruptura nas relações afectivas; rupturas nos modos de vida; rupturas nas actividades; rupturas com os contextos socio-culturais*” (p. 207). As aprendizagens realizadas com as rupturas tornam claro que a transformação “*implica tanto o abandono de certas aquisições*

como a abertura a novas potencialidades” (p. 207). Estes momentos de mudança obrigaram a autora a empreender actividades de adaptação ao ambiente, de investigação de novas realidades, criação de novas relações e de participação em actividades novas. Estas etapas foram de confronto com a compreensão anterior do mundo e de modos de estar e de integração de novas construções de sentido.

“Assim, o que foi formador no meu percurso, foram as actividades, situações, acontecimentos, encontros e relações que me fizeram descobrir realidades desconhecidas até então e que me permitiram exercer ou adquirir qualidades, que me provocaram tomadas de consciência, que interrogaram os significados adquiridos ou criados anteriormente e me forçaram a reelaborar o sentido” (p. 208).

Josso considera dois níveis de aprendizagem, um primeiro composto por quatro etapas: iniciação, aquisição; manutenção; e transferência. E um segundo nível que surge com a acumulação de aprendizagens e advém da *“capacidade de auto-observação e de explicitação do que foi feito para se conseguir a aprendizagem”* (p. 210), este nível remete para a capacidade de aprender a aprender. Apesar da grande diversidade de aprendizagens que realizamos ao longo da nossa existência, Josso considera quatro categorias de aprendizagens: psico-somáticas; instrumentais; relacionais; e reflexivas. Aprender exige que se saiba:

“... mobilizar os atributos físicos e psíquicos, descobrir as propriedades dos objectos e do ambiente, ser sensível às qualidades dos outros, para que a articulação entre o sujeito e os meios permitam o sucesso da actividade” (p. 209).

Na categoria, “Dinâmicas”, importa considerar as transformações inscritas na temporalidade. Essas transformações são sentidas como desafios que se colocam às pessoas e implicam uma evolução singular. Josso procurou encontrar uma categoria que permitisse englobar as dinâmicas que conduzem à transformação — as relações entre o individual e o colectivo (família, grupo, sociedade alargada).

“As relações indivíduo-grupos podem ser mais ou menos harmoniosas ou conflituosas, mas seja qual for

o modo como elas são vividas, apresentam-se como a trama da nossa existência, o lugar onde se joga a nossa identidade, onde ela se define e redefine sem cessar ...] num duplo movimento de identificação e diferenciação. ... Todas as biografias, em que partilhei na elaboração ou às quais tive acesso por uma simples leitura, testemunham um ajuste dialéctico entre as exigências individuais e os constrangimentos colectivos” (p. 214).

As dinâmicas encontradas por Josso foram categorizadas em três pólos:

- Autonomização/Conformismo;
- Responsabilização/Dependência;
- Interioridade/Exterioridade.

As tensões entre autonomia ou conformismo vivem-se habitualmente em relação à família de origem, aos constrangimentos sociais; aos modelos tradicionais de estilo de vida, sistemas de pensamento, representações sobre si e sobre as relações com os outros. As tensões entre responsabilização e dependência marcam também os percursos biográficos: também em relação à família, grupos, relações interpessoais, às escolhas profissionais; tomada de consciência da responsabilidade pela saúde individual, pelo ambiente, etc. Em relação às tensões entre interioridade e exterioridade, Josso afirma:

“Todos temos uma “vida dupla” com momentos de tensões que emergem dessa bipolaridade da nossa existência: a nossa vida interior e a forma de viver em relação aos outros. Estas tensões nascem duma contradição entre comportamentos e ideias expressas por um lado, pensadas, sentidas e não exteriorizadas, por outro. Podem aparecer quando uma evolução interior é contrariada por condições exteriores, até então satisfatórias, por uma tomada de consciência que questiona uma coerência interior, ou ainda nas situações em que desejamos evitar um conflito aberto, ou em todos aqueles momentos em que os outros nos enviam uma imagem de nós próprios que sentimos não ter uma correspondência interior. Aqui também, os momentos de tensão não são mais do que tempos fortes duma dialéctica permanente ao longo da nossa existência” (p. 216).

A categoria “Atitudes e qualidades do sujeito” é mais difícil de definir. De acordo com Josso, as atitudes e qualidades do sujeito são mais salientes nos

momentos charneira, apesar de oscilarem com o tempo. Nesta categoria sobressaem as ideias que o indivíduo tem sobre si, entre passividade e iniciativa, entre considerar-se o autor da sua vida, sujeito a limites e constrangimentos, ou ver-se como um ser condicionado, resultado de acontecimentos que lhe são alheios e que determinam as suas escolhas.

A ENTREVISTA BIOGRÁFICA E A INFLUÊNCIA DO ENTREVISTADOR NA PRODUÇÃO DA NARRATIVA

Embora o trabalho de Josso tenha por objectivo encontrar os marcos de um percurso de formação, a transposição destes marcos para os percursos de vida é lícita e foi-me útil para a construção da questão inicial da entrevista e para a condução da mesma. Foram construídos dois guiões de entrevista com uma questão de partida e algumas perguntas orientadoras que focavam aspectos que me interessavam explorar. A questão de partida: “*O que sucedeu na sua vida que o conduziu a viver na rua?*”, foi igual para os dois guiões e pretendia orientar a construção da narrativa biográfica para a selecção dos episódios mais relevantes para o entrevistado, propiciando a elaboração da narrativa e os argumentos sobre o sentido ou a direcção e o significado do seu percurso biográfico.

Demazière e Dubar (1999) definem a entrevista biográfica de investigação como uma “narrativa ou conto”⁵ que deve suscitar “... *une conduite de récit c’est à dire une mise en forme argumentée de son parcours*” (p. 226) e consiste na recordação de episódios, na sua interpretação e na articulação temporal do passado, presente e futuro, inserindo-os numa história com um sentido:

“*C’est une caractéristique essentielle de la conduite de récit: l’évocation du passé implique le jugement sur le présent qui suscite l’anticipation des avènements possibles. Ainsi, comme le reconnaît d’ailleurs Greimas, la narration est “un processus créateur de valeurs”* (p. 234).

Hughes (1996) considera a sociologia actual como a “*ciência da entrevista*” em dois sentidos: como instrumento preferido dos sociólogos; como o próprio objecto da sociologia — a interacção “*a troca de palavras e gestos*” (p. 282). Para Bourdieu (1993) a entrevista é também uma troca, uma relação

social distinta da maior parte das outras que exerce efeitos sobre os resultados obtidos. Esta interacção é marcada por diferentes expectativas e papéis entre os interlocutores e por distintos graus de implicação pessoal. Hughes refere a existência de códigos que permitem definir a intensidade das expectativas podendo ter vários graus, desde a imposição absoluta até à igualdade ou neutralidade de papéis, existindo em ambas as situações regras ou convenções, mais claras e explícitas no grau máximo de intensidade (normas e leis) e mais ligeiras no limite inferior.

A entrevista, enquanto uma metodologia de investigação tem sido estudada por vários autores provenientes de diferentes campos nas ciências sociais que se debruçam sobre as técnicas da entrevista. Para este artigo, importa essencialmente explorar a componente relacional que se cria entre o entrevistado e o entrevistador; e reflectir sobre a co-produção da narrativa biográfica. Segundo Demazière e Dubar (1999), numa entrevista de investigação biográfica cada interveniente, com papéis distintos, utiliza a linguagem para mediar a troca de palavras e a produção da narrativa. O entrevistado faz uma reflexão retrospectiva e prospectiva do que é importante na própria vida, que os autores denominam por “*travail sur soi*”. O entrevistador, através de uma escuta activa, é co-produtor da narrativa:

“*En cherchant à comprendre, il incite à produire des significations, il pousse à développer des argumentations, il sollicite des enchaînements, des mises en relation, des explicitations de formules qui lui paraissent obscures*” (p. 228), na medida em que ele participa intelectualmente e afectivamente no diálogo que produz a narrativa. Através da introspecção e do diálogo. “... *les narrateurs ne racontent pas leur vie mais ils mettent en scène, de manière à convaincre, le sens de leur propre parcours*” (Théry, 1994, cit. in Demazière & Dubar, 1999).

As três entrevistas foram realizadas por mim em períodos distintos, as duas primeiras aconteceram em Janeiro de 2006 e a última em Maio do mesmo ano. As três narrativas biográficas produzidas são muito diferentes e a forma como cada um dos entrevistados respondeu à questão inicial indicia alguns aspectos que gostaria de partilhar neste artigo: as dimensões “produção da narrativa biográfica”; do

“trabalho sobre si”; e da “escuta activa” referidas por Demazière e Dubar (1999). Para ilustrar estas dimensões transcreve-se, seguidamente, o início das três entrevistas:

11 DE JANEIRO DE 2006 — ENTREVISTA SÉRGIO

E.: Bom, posso fazer a primeira pergunta? Que é assim: — O que é que sucedeu na sua vida que o conduziu a viver na rua?

Sérgio: Eu para lhe responder a essa pergunta, começo mesmo desde já a responder-lhe, mas a expressão correcta é essa... eu tenho de começar a falar de mim mesmo, daquilo que fui, daquilo que gostaria de ter sido, daquilo que me obrigaram a ser. E não sei... eu lembro-me de ser eu, desde que fui baptizado, até me lembro de ter tratado mal o padre, porque fazia muito frio e a água estava gelada. Acho que lhe chamei de tudo e depois os meus pais repreenderam-me com um par de acoites, mas foi bom, passou-se. E é sobre os meus quatro anos, mais ou menos. Tive uma infância, simples, maravilhosa, bonita, como todos os miúdos, meninos e meninas têm. Gostei, lembro-me muito da minha infância. Fiz a escola primária como todos e sempre com muito respeito pelos professores e pelos amigos, mas sempre tão mau e tão bom como eles. É verdade... e uma das coisas que eu mais gostava de fazer era de ir à escola e dar água de beber aos burros.

E.: Dar água a quê?

Sérgio: Dar água aos burros. Porque eu vivia numa aldeia, na aldeia onde eu nasci...

E.: Onde é que era?

Sérgio: Em Vera Cruz, no Alto Alentejo, no distrito de Évora. Mas é uma aldeia muito bonita.

E.: E vivia lá com os seus pais e com os seus irmãos?

Sérgio: Com os meus pais e com os meus irmãos na casa dos meus avós. Na casa da minha avó que era a pessoa mais bonita, a pessoa mais maravilhosa que eu tive, para mim foi uma mãe! Os meus pais sempre gostaram de mim, tanto o meu pai como a minha mãe. Os meus irmãos, sempre gostámos muito uns dos outros, sempre fomos muito amigos. Depois aí sobre os nove anos... não, sobre os dez anos, tinha acabado de fazer a 4ª classe, quando os meus pais vieram aqui para a Malveira. Viemos aqui para a Malveira numa terça-feira e comecei a trabalhar numa quinta...

27 DE JANEIRO DE 2006 — ENTREVISTA TOMÁS

E.: Eu vou pôr o gravador aqui mais no meio, mais pertinho de ti. Pronto e eu faço-te uma pergunta e depois tu vais respondendo. As coisas que eu não perceber muito bem vou-te perguntando e assim.

Tomás: Está bom.

E.: Tá? Pronto, então a primeira pergunta é: — O que é que sucedeu na tua vida que te conduziu a viver na rua?

Tomás: O que é que me sucedeu na vida para eu vir parar ao meio da rua? Foi, hum... tudo tem um princípio e um conjunto de várias situações que me aconteceram na vida levaram a que eu... fosse mais fácil para mim, estar nas ruas, e isto numa primeira fase. Depois, lógico que a médio e a longo prazo tornou-se foi no revés, foi o contrário.

E.: Como?

Tomás: Começou a tornar-se muito mais difícil estar nas ruas do que estar em casa. Só que ao princípio era muito mais fácil estar nas ruas do que estar em casa.

E.: Mas, mas uma pessoa vai para a rua assim de repente? No teu caso foi assim?

Tomás: Não.

E.: Ou são várias coisas...

Tomás: São várias coisas que sucedem...

E.: E um dia acordas e estás na rua? Como é que é?

Tomás: Não. Foram várias coisas que sucederam. Foram problemas a nível familiar... que tinha uma grande instabilidade em casa... fruto de problemas com irmãos, com o pai que não era o meu pai, com um conjunto de... antigamente vivia-se num regime bastante difícil, as coisas eram muito mais rígidas. Hoje existe...

E.: Mas tu vivias onde? Em Lisboa?

Tomás: Vivia em Lisboa...

13 DE MAIO DE 2006 — ENTREVISTA JORGE

E.: Então estás de acordo com tudo? Eu vou pôr o gravador aqui pertinho de ti para se ouvir melhor, está bem?

Jorge: Sim.

E.: E vou fazer-te uma pergunta e tu vais respondendo e à medida que eu for tendo dúvidas, vou perguntando...

Jorge: Ok.

E.: *Está certo? Então vá, é só uma questão, que é, o que é que sucedeu na tua vida que te conduziu a viver na rua?*

Jorge: *(Pausa) O que sucedeu na minha vida foi eu não aceitar que era... não admitir que era alcoólico, continuar no meu alcoolismo diariamente, apesar de ter empregos, despedir-me dos empregos ou às vezes ser despedido. O último emprego, por exemplo, trabalhava em Lisboa, cheguei ao fim do mês, tinha um quarto alugado, o patrão em vez de me pagar o ordenado, o salário completo, só me pagou metade.*

E.: *Porquê, não tinha dinheiro?*

Jorge: *Porque... ele disse que me dava o outro passado dois ou três dias, só que eu mal recebi logo a metade desse salário, comprei a senha do autocarro porque precisava dela porque morava... tinha o quarto alugado em Santo António dos Cavaleiros...*

E.: *Hum, e trabalhavas em Lisboa.*

Jorge: *E trabalhava em Lisboa, ali por perto da Alameda.*

E.: *Hum...*

Jorge: *E depois, numa segunda-feira.*

E.: *Ele deu-te o teu ordenado numa segunda-feira?*

Jorge: *Não. E depois numa segunda-feira apanhei uma bebedeira... já gastei mais... já quase a metade do salário que eu tinha recebido e ainda me faltava o outro que era para o quarto, como não tinha o resto do salário para o quarto, acabei por ir, por vir para a rua. Não tinha coragem de aparecer perante a senhora do quarto, tanto que a minha roupa ficou lá toda no quarto, ainda, em Santo António dos Cavaleiros, ainda lá está.*

E.: *Mas então, um dia o teu patrão disse que não te podia pagar o ordenado todo...*

Jorge: *Disse que me pagava depois.*

E.: *Sim e tu precisavas de dinheiro para pagar o quarto?*

Jorge: *Sim, precisava de dinheiro para pagar o quarto e era fim do mês.*

E.: *Sim...*

Jorge: *Como não o tinha, apanhei a bebedeira no dia anterior...*

E.: *Mas quando tomaste a decisão... percebeste que não tinhas coragem... ou percebeste que gastaste o dinheiro e que não ias ter dinheiro para pagar à senhora...*

Jorge: *— Sim.*

E.: *— Não estavas bêbado? Quando decidiste que não tinhas coragem, que no fundo foi falta de coragem, não foi?*

Jorge: *— Foi.*

E.: *— Não foi por teres bebido!...*

Jorge: *— Eu ainda estava ressacado.*

E.: *— Sim, mas o que te levou a não voltar para casa, foi o quê, dizeres à senhora que tinhas feito asneira, não querias ter dito? (pausa) Estás a perceber?*

Jorge: *— Não porque ela já me tinha avisado antes.*

E.: *— Já tinhas falhado o pagamento mais vezes?*

Jorge: *— Porque tinha falhado uma vez, num emprego anterior e ela...*

E.: *— O pagamento?*

Jorge: *— Sim.*

E.: *— Mas depois deste-lhe o dinheiro, ou não?*

Jorge: *— Dei algum dinheiro.*

E.: *— Não deste todo?*

Jorge: *— Não, porque ela não o quis.*

E.: *— Não quis porquê?*

Jorge: *— Porque ela, primeiro... agora já arranjaste outro emprego, porque no espaço de quatro meses tive em quatro empregos.*

Na dimensão “produção da narrativa biográfica” importa realçar que Sérgio inicia a sua narrativa com a história do seu percurso, ou seja, aparentemente desprezou a questão inicial, e narrou o seu “conto” desde que tomou consciência de si próprio, seleccionando sequencialmente os factos mais relevantes: o baptismo, a infância, a escola, a chegada à Malveira e o início do trabalho. Tomás tentou responder à questão de partida, procurando argumentos justificativos das suas opções de viver na rua e posteriormente de deixar a rua. A sua narrativa começa na infância e no contexto de vida familiar e social. Jorge começou a entrevista com uma pausa, como se procurasse uma única resposta que satisfizesse a minha questão. Iniciou a sua narrativa, não na infância, como os dois primeiros entrevistados, mas a partir do último emprego que teve antes de ir viver para a rua.

Na dimensão “trabalho sobre si”, e com base nos textos integrais das entrevistas, os três inquiridos fizeram uma reflexão retrospectiva do que consideraram importante nas suas vidas e que, de certo modo, respondesse à questão inicial. Os excertos apresentados ilustram de uma forma muito ténue esse trabalho de reflexão. Tomás e Jorge fizeram um esforço para res-

ponderem à questão inicial, logo no início da entrevista, o que as tornou, no seu todo, circulares, pois o início da narrativa coincide com o final. Na narrativa de Sérgio o início da entrevista coincide com o seu baptismo quando era criança e o final com o momento presente. O trabalho sobre si é também induzido na situação da entrevista, na interacção com o entrevistador e na interacção do entrevistado consigo próprio.

Em relação à “escuta activa” e ao meu papel enquanto co-produtora da narrativa biográfica penso que é pouco visível na narrativa de Sérgio: a sua história já estava contada, as minhas intervenções tiveram como objectivo esclarecer frases ou contextualizar as situações descritas. A narrativa de Tomás começou por ser mais argumentativa e menos cronológica tornando necessária uma maior intervenção da minha parte, no sentido de procurar o suporte das suas razões no seu percurso pessoal. Na entrevista de Jorge, creio que assumi um papel mais activo enquanto entrevistadora, uma vez que o seu discurso era bastante argumentativo, parecendo procurar razões que esclarecessem a questão inicial ou confirmassem a sua justificação inicial.

CONCLUSÃO

O presente texto pretende relatar o processo de recolha das narrativas biográficas que estão a ser realizadas no âmbito do meu doutoramento em Ciências da Educação, reflectir sobre o modo como o processo está a ser efectuado no terreno e como se produzem as narrativas biográficas recolhidas através de entrevistas de investigação. Foram discutidos aspectos relativos ao acesso ao terreno, à duplicidade de papéis voluntária-investigadora e às questões éticas que lhe estão associadas. Os critérios de selecção dos indivíduos foram enunciados e considera-se um factor importante o conhecimento prévio e a proximidade afectiva, pois parecem ter sido facilitadores, quer na condução das entrevistas, quer no empenhamento e na confiança que todos eles me demonstraram.

Foram referidas as categorias mais pertinentes para a análise dos percursos biográficos, tendo por base o trabalho de Josso. No âmbito deste artigo não foi possível apresentar os resultados das análises integrais das narrativas, mas estas categorias estiveram

presentes na elaboração dos guiões e na própria condução das entrevistas. Os excertos apresentados não permitem dar uma visão global dos três percursos biográficos, da identificação dos momentos charneira, das dinâmicas e das atitudes e qualidades dos sujeitos. Fica em aberto a análise das narrativas construídas a partir de entrevistas biográficas.

As entrevistas foram marcadas previamente e todos os sujeitos tinham uma ideia, ainda que vaga, sobre o tema da conversa e do meu interesse pessoal neste trabalho. Acederam ao meu pedido e mostraram-se empenhados e dispostos a contribuir com os seus conhecimentos e as suas vidas no meu projecto de investigação. Ainda que seja possível tomar, antecipadamente, algumas precauções para que a entrevista seja bem sucedida, cada encontro é um acontecimento único e em directo, as decisões são tomadas com base na experiência anterior do investigador e nos interesses da investigação. Foi dada uma grande liberdade aos entrevistados para narrarem os seus percursos; no entanto a narrativa assim recolhida é sempre um trabalho conjunto de construção de um “conto”, porque, ainda que o entrevistador assumia uma escuta mais passiva do que activa, as questões que coloca, os comentários que a narrativa lhe sugere, os gestos involuntários de aprovação ou de distração influenciam a dinâmica de produção do discurso, quero dizer, a selecção de episódios mais significativos, a expressão ou contenção de sentimentos dolorosos e de emoções. As trocas que se geram neste processo são complexas e de difícil análise, no entanto, penso que através dos exemplos apresentados é possível apercebermo-nos que, apesar da questão inicial ser comum, cada pessoa possuiu uma narrativa própria, para uns mais factual e sequencial, da infância para a idade adulta, para outros mais argumentativa, buscando razões e explicações retiradas da infância ou da vida adulta.

A narrativa biográfica recolhida e construída através de entrevistas é produzida pelo autor e co-autor: o primeiro possuiu a globalidade da matéria-prima, os factos vividos, sentidos, pensados, reflectidos, alterados e integrados em si; o segundo tem interesse na produção de uma narrativa que sirva os objectivos da investigação. Juntos constroem esse produto final, a narrativa biográfica que irá alimentar a produção do conhecimento científico.

1. No Brasil a expressão equivalente a sem-abrigo é “sem-tecto”.

2. Em 2005 a categoria utilizada foi traduzida do francês “sans abri”. Em 2006 a FEANTSA actualizou esta tipologia e foi traduzida para português como categoria conceptual “Sem tecto”.

3. ETHOS — Tipologia Europeia sobre Sem-abrigo e Exclusão Habitacional “*Au cours de ces dernières années, le groupe de travail collecte de données de la FEANTSA et l’Observatoire européen sur les sans-abrisme a développé une typologie de l’exclusion liée au logement appelée ETHOS (European Typology on Homelessness and housing exclusion). Cette typologie a été lancée début 2005 et a été analysée à l’occasion de différents séminaires/réunions à l’échelon local, national et européen. ETHOS est maintenant sert de cadre pour des débats, des initiatives de collecte de données, des recherches, et l’élaboration de politiques de lutte contre l’exclusion liée au logement. Il est important de noter que cette typologie est un exercice ouvert qui fait abstraction des définitions nationales dans les états membres de l’Union européenne. ETHOS est fondé sur la notion de «home» en anglais (qui serait composé de trois domaines: logement, social, et juridique) pour créer une définition large de l’exclusion liée au logement. ETHOS classe les personnes sans domicile fixe en fonction de leur situation «de vie»: être sans abri (dormant à la rue); être sans logement (avec un abri mais provisoire dans des institutions ou foyers d’hébergement); en logement précaire (menacé d’exclusion sévère en raison de baux précaires, expulsions, violences domestiques); en logement inadéquat (dans des caravanes sur des site illégaux, en logement indigne, dans des conditions de surpeuplement sévère)”. Consultado em Dezembro de 2006, em: <http://www.feantsa.org/code/EN/pg.asp?Page=546>.*

4. As citações extraídas desta obra foram traduzidas livremente do texto original em Francês.

5. No original, *récit*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, I. (2004). A problemática em Portugal. In AA.VV., *Sem-abrigo e Imigração, olhares sobre a realidade em Portugal*. Colectânea de Ensaios CAIS. Lisboa: Padrões Culturais Editora, pp. 34-39.
- BENTO, A. (2004). Sem-abrigo e instituições. In AA.VV., *Sem-abrigo e Imigração, olhares sobre a realidade em Portugal*. Colectânea de Ensaios CAIS. Lisboa: Padrões Culturais Editora, pp. 69-77.
- BENTO, A. & BARRETO, E. (2002). *Sem-amor Sem-abrigo*. Lisboa: CLIMEPSI.
- BERTAUX, D. (1989). Les récits de vie comme forme d’expression, comme approche et comme mouvement. In G. PINEAU & G. JOBERT (coords.), *Histoires de vie. Tome 1. Utilisation pour la formation*. Paris: Édition l’Harmattan, pp. 17-37.
- BOURDIEU, P. (1993). *La misère du monde*. Paris: Éditions Seuil.
- BURGESS, R.G. (1991). *Field Research: A Sourcebook and Field Manual*. London: Routledge.
- CANÁRIO, R. (1998). Aprendizagem, experiência e currículo. *Ensinus*, 13, pp. 2-5.
- CHARLOT, B. (1997). *Du rapport au savoir. Éléments pour une théorie*. Paris: Anthropos.
- COSTA, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- DEMAZIÈRE, D. & DUBAR, D. (1999) L’entretien biographique comme outil de l’analyse sociologique. *UTIVAM — Revue de Sociologie e d’Anthropologie*, 1, 2, pp. 225-239.
- DOMINICÉ, P. (1996). *L’histoire de vie comme processus de formation*. Paris: Éditions l’Harmattan.
- ETHOS — Tipologia Europeia sobre Sem-abrigo e Exclusão Habitacional. Consultado em Dezembro de 2006, em http://www.feantsa.org/files/indicators_wg/ETHOS/ethos_portugal.pdf
- HUGHS, E. C. (1996). *Le regard sociologique*. Paris: Éditions de l’École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- JOSSO, C. (1989). Ces expériences au cours desquelles se forment identités et subjectivité. *Éducation Permanente*, 100/101, pp. 161-173.
- JOSSO, C. (1991). *Cheminer vers soi*. Lausanne: L’Age d’Homme.
- MARPSAT, M. (2003). Homelessness research: Definitional issues and first mapping of methodologies (Part I). CUHP, Workshop 2, Madrid, October 9.10. Consultado em Dezembro de 2006, em http://www.cuhp.org/admin/EditDocStore/Longpaper_defacc.pdf

PEREIRA, A. P.; BARRETO, P. & FERNANDES, G. (2001). *Análise Longitudinal dos Sem-Abrigo em Lisboa: A situação em 2000. Relatório Final*. Lisboa: Departamento de Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa.

PEREIRA, A.P. & SILVA, A.S. (1999). *Os sem-abrigo da Cidade de Lisboa — Riscos de Viver N(a) Cidade*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

SANTOS, B.S. (2003 [1987]). *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.